

“Deus não é macho”, “Deus é mulher” e “Deus é mãe”: observações etnográficas sobre a maternagem de Deus, a Divina *Ruah*.

Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo¹

Proponho apresentar registros da minha pesquisa de campo, realizada com seis coletivos feministas cristãos, entre os anos de 2018 e 2021. Pretendo descrever quem é a divindade *Ruah*, analisando-a enquanto uma categoria êmica, uma interpretação interna, muito presente nos coletivos que acompanhei neste período. O trabalho foi registrado em diário de campo, por meio da etnografia multissituada. *Ruah* é uma divindade feminina e materna, a quem suas seguidoras oram pedindo rebeldia e insubmissão, também celebram a espiritualidade feminista, o amor e a esperança. No entanto, *Ruah* não está sendo trazida como uma “nova” divindade, mas como interpretação e linguagem feminina sobre Deus, pronunciada como uma reivindicação de seu nome originário. Foram observados e registrados diferentes momentos de espiritualidade e militâncias, em que a força da divina *Ruah* foi aclamada para proteger as mulheres do patriarcado, sob a crença de que Deus não é macho, não é pai e nem condena as mulheres que abortam. Assim, para elas, Deus possui outro nome, Deus é *Ruah*.

Palavras-chave: Deus. *Ruah*. Feminismo.

¹ Doutora em Antropologia Social pela UFG, mestra em Ciências da Religião e Graduada em Ciências Sociais. Docente da Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora do NER – UFG (Núcleo de Estudos de Religião). E-mail: flavia_valeria@yahoo.com.br. Esta proposta é para o GT 8, Feminismo, religião e maternidade: autonomia, ativismo e questões de gênero revisitadas.